

LAHORE — TCHAR-BARDJIA.

E' facto sabido que os induos e os musulmanos da India nunca reparam as suas casas, nem os seus monumentos publicos. Deixam rachar as paredes, e arrombar os tectos. Quando as habitações chegam a este estado, começam elles com todo o descanso a construir nova casa, ou novo edificio, no sitio mais proximo possivel, onde encontram espaço desembaraçado. Resulta d'isto que as cidades da India, além d'outras causas de destruição, como os incendios, ou as guerras, mudam insensivelmente de lugar; caminham por assim dizer, e passados alguns seculos, tem-se afastado pouco a pouco do antigo assento, algumas vezes até á distancia de mais de uma legua. Em quanto as antigas casas, outr'ora habitadas, construidas geralmente de tijolos ou de terra, caem e completamente desaparecem; os monumentos, mesquitas, portas triumphaes, tumulos, palacios, construidos de pedra de cantaria, ficam de pé meio mutilados. Mas, como se construem sempre outros edificios publicos nas cidades novas, o viajante fica surprehendido d'encontrar longe das habitações grande numero de bellos monumentos isolados e ermos. E' o que se encontra nas visinhanças de Lahore, Delhi, Agra, e de quasi todas as principaes cidades do Indostão. Em Lahore, ao redor da cidade em distancia de seis kilometros pouco mais ou menos, erguem-se a intervallos edificios consideraveis, solitarios e desertos. Taes são, entre outros, o Tchar-Bardjia, outr'ora porta de entrada principal d'um grande jardim, e a velha mesquita, que a nossa segunda gravura representa, transformada hoje em egreja anglicana. Detraz da mesqui-

ta, à esquerda, descobre-se a casa do general Ventura, que obteve um commando no exercito sikhe, no tempo do illustre rei de Lahore, Randjit-Singh.

#### S. PAULO DE LOANDA.

Conclusão.

II

Um dia achava-me ancorado n'uma aldeia, ao sul de Benguella. Esperava havia dois dias uma tropa de escravos que me devia chegar do interior; e nunca em paragem alguma eu tinha estacionado tanto tempo. Media com impacientes passos o convez da minha embarcação, quando vi chegar um preto trazendo consigo uma preta que amamentava um filho.

— «Branco, me disse elle, quanto quer dar por esta mulher com a sua creança?»

«O preto estava embriagado, e por isso julguei que podia fazer bom negocio: dei, portanto, ouvidos á proposta.

«A mulher e a creança custaram-me tres garrafas de aguardente, e um punhado de tabaco.

«No dia seguinte ainda esperava pelos escravos, e elles sem chegarem; quando vejo vir a mim o preto da vespera.

— «O branco quer restituir a mulher e o filho do negro? perguntou elle. Quando os vendi, o negro tinha bebido muita aguardente e cachaça, e não sabia o que fazia.

DEZEMBRO, 18, 1858.

— Pois sim, entregar-te-hei tua mulher e teu filho, mas hasde restituir primeiro a aguardente e o tabaco que dei em troca.

“Bem sabia eu que lhe pedia um impossivel.

— «O negro bebeu a aguardente, e fumou o tabaco que o branco lhe deu; mas o branco pode pedir ao negro o que quizer, que o negro ih'orará na sua jangada.

“Sabia quanto valem promessas de pretos, e recusei. Nem por isso elle deixou de insistir por tal forma, que, aborrecido das suas instancias, chamei dois dos meus marinheiros, e lhes mandei expulsar o importuno com uma surra de cabo. Os marinheiros eram excellentes para a coisa, e o preto fugiu com as costas escorrendo sangue.

“Foi, porém, ter com o chefe da sua aldêa, e disse-lhe que tendo vindo propor aos brancos a troca de alguns generos, estes o despojaram, bateram, e lhe arrancaram mulher e filho.

“Meia hora depois ouvi gritos lastimosos que partiam do meio da aldêa: eram os meus negros cuja chegada tinham espreitado, e degolavam. A preta e o moleque custavam-me assim duzentas cabeças de escravos!

“Comprehendi a perda que acabava de sofrer. Não tinha mais do que vinte e cinco homens de equipagem; e portanto não podia oppor-me á carnificina. Encostado á amurada do navio, procurava um meio de vingar-me.

“Repentinamente cerca de duzentos negros correram para a praia brandindo as azagaias e facas escorrendo em sangue. N'um instante a baia appareceu coalhada das suas jangadas, que avançavam á força de remos. Vinham assassinar-nos. Calculei as probabilidades do combate, e achei-as contra mim. Mandei levantar ferro, desfarrar as velas, e fui vergonhosamente...

“Sim, senhores, vergonhosamente, porque não disparei nem um tiro.

“Vendo escapar-lhes a presa, os selvagens lancaram raivosos gritos, e por algum tempo se baldaram em inuteis esforços de perseguição.

“Esta perda custou-me um anno de trabalho. Outro golpe de mão depressa restabeleceu porém a minha fortuna. Capturei um famoso brigue americano.

“O producto que tirei da venda da sua carregação ajudou-me a aumentar o meu pessoal, e commerciei então em larga escala.

“Mas trazia sempre na idéa o vingar-me, e o momento favoravel aproximou-se.

“Fui a Cassango n'um dia de mercado; ia abrir-se ahí o negocio, quando topei com varios negreiros vindos para o mesmo fim. Escolhi dois dos mais audaciosos, e que tinham navios bem equipados.

— Amigos, lhes disse, entre duas garrafas d'aguardente, vou comunicar-vos um magnifico projecto. Trata-se de nos apoderarmos d'uma centena de escravos sem despendermos nem um real de fazenda.

— «Explica-te, responderam elles.

— Lá vae; porém estabeleçamos primeiro as

nossas condições. Haveis prometter obedecer-me, e dar-me cem escravos de mais á minha parte. Em compensação d'isto, dar-vos-hei um bom carregamento.

— «Acceite!

— Agora, quantos marinheiros tens tu, Pedro? perguntei a um d'elles.

— «Cincoenta.

— E tu, Thiago?

— «Oitenta.

— Eu conto agora cem homens de equipagem, o que prefaz o total de duzentos e trinta marinheiros; e mais do preciso.

— «Eu respondeo pelos meus, disse Thiago.

— «E eu tambem, acrescentou Pedro.

— Vamos, rapazes, embarquemos pois sem comprar aqui nenhum escravo. Conheço uma aldêa não longe de Benguela, que podemos saquear.

— «Quantos combatentes tem a aldêa?

— Mil. De proposito dissimulava eu metade do perigo. Que podem, porém, mil homens mal armados e surprehendidos durante o sonno, contra mais de duzentos resolutos e bem providos de armas?

— «O meu projecto passou sem objecção.

— Era uma noite bem escura, quando a nossa pequena esquadra fundeu de fronte da aldêa. Os navios aproximaram-se da costa o mais possível; e deixámos a bordo só a gente necessaria para a manobra de cinco peças de artilharia, cujo fogo, em caso de necessidade, devia proteger a nossa retirada.

— Favorecidos pelas trevas avançámos cautelosamente. Levava comigo vinte dos meus melhores marinheiros; e dirigi-me directamente á habitação do rei.

— Thiago cercou parte da aldêa. Devia fazer cara aos pretos que pretendessem socorrer aquelles que tínhamos, por assim dizer, já quasi em nosso poder. Pedro recebeu ordem de dividir a sua gente em dois bandos, um para proteger a nossa linha de communicação com a praia, e o outro para penetrar nas casas, e apprehender os pretos entregues ao somno.

— Tomadas todas estas disposições, achavamo-nos a postos, conservando o mesmo silencio com que tínhamos vindo.

— Ressoou um tiro: era o signal.

— A gente de Pedro penetrou nas casas. De toda a parte surgiram terríveis clamores.

— Em quanto a mim, com dois golpes de machado derrubei a porta da casa do rei. Alguns negros, acordados por aquella bulha, tentaram resistir; porém foram logo sopeados ao primeiro grito de alarma que soltaram. Entrei na camera do monarca na mesma occasião em que saltava abaixo da cama.

— Estavamos quasi certos do exito, porque o chefe achava-se em nosso poder. Que poderiam os pretos sem aquelle que de ordinario os conduzia ao combate, e os excitava com seus gritos e exemplo?

«O tumulto era grande da parte de fora. A fusilaria ressoava. Os pretos enearniçavam-se no combate, e Thiago a custo os reprimia. Talvez pagassemos caro a nossa ousadia.

«Lancei-me fora da habitação real, trazendo o rei bem maniatado, e apontando-lhe com a outra mão uma pistola à fronte. Os meus homens tinham ordem de abrir passagem através da multidão de combatentes, que, de minuto para minuto, engrossava ameaçadora.

«Ao clarão dos fachos, os naturaes viram o seu chefe em nosso poder. As ameaças de morte que contra elle proferiamos lançavam a consternação em todos. O combate durou ainda algum tempo; porém os mais bravos sentiram abandonar os a coragem ao ouvirem estas horríveis palavras:

— «O rei está em poder dos brancos.

«Por fim, os negros fugiram, deixando-nos muitos prisioneiros.

«O exito excedeua as esperanças. Contámos setecentos captivos, entre homens, mulheres, e creanças de certa idade, todos validos. Quanto era mais velho ou mais creança fôra assassinado.

«Além do meu quinhão da presa trouxe para bordo prisioneiro o rei. No dia seguinte mandei dizer aos negros que estava prompto a restituir-lh' o se me dessem a porção de marfim que lhes fixaria. Os fieis vassallos pagaram-me o seu monarca por sessenta dentes de elephante.

«Eis, meus senhores, como eu soube reparar a perda que elles me tinham causado.»

— Mui bem, senhor, disse eu; se houvesseis feito muitas expedições eguaes a essa, necessariamente a vossa fortuna devia ser rapida.

— Nem sempre fui tão feliz, me respondeu o ex-negreiro.

— Por exemplo, aquelle negocio das Antilhas. E o nosso hospede desatou a rir.

— Para que recordar-me agora uma coisa desagradavel?... Emfim já que excitastes a curiosidade d'estes senhores, é dever meu satisfazel-a.

O senhor Alvaro sorriu-se-nos graciosamente.

— Também (continuou elle) quem se pode gabar de nunca ter tido um unico contratempo na sua vida? Acaso não tem o valente seus momentos de covardia? Por mais experto que um homem seja, sempre encontra outro mais experto do que elle! Vou contar-vos o que me aconteceu.

«Voltava da America, e tinha ganho bastante com a minha carregação. O navio era lesto e bem disposto, e não trazia a bordo nem um preto. Era meu costume, quando estava assim descarregado, fazer mão baixa sobre os navios mercantes que encontrava.

«O gageiro apontou uma vela, um lindo brique que lançava bem, e que pareceu, depois de nos ter avistado, procurar algum porto onde se abrigasse da nossa caça.

«O exito que até então sempre tivera, tornou-me ousado. Trazia a bordo dez canhões, e

podia tentar a aventura, ainda que o navio perseguido me parecesse de grande tonelagem.

«Quando a noite chegou achava-me a dois tiros de peça d'aquelle que eu já contava seria minha presa; e o navio continuava sempre a fugir-nos.

«Excitei com a voz a minha gente, e com o leme a minha embarcação. Era um excellente cavallo de corrida; e apesar d'isso só duas horas depois do sol posto foi que consegui aproximar-me do navio à que dava caça.

«Dei a primeira banda. O navio mercante pareceu render-se a esta intimação; carregou as velas, e esperou.

«Não tem artilharia, pensei comigo; e então é nosso. Effectivamente não tinha correspondido á minha banda.

«E nem um tiro de espingarda nos disparou, quando lançamos os arpeos da abordagem. Nem um só! Este silencio pareceu-me suspeito; porém já não stavamos em termos de retrogradar.

— «À abordagem! gritei; e brandindo um machado ia primeiro que todos saltar-lhe no convez.

«Então ouvi pela primeira vez a voz do comandante inimigo, que bradou:

— «Morrões accesos!

«Fatalidade! foi só então que pude contar trinta canhões prompts a fulminar-nos. Depois o convez illuminou-se, e vimos no tombadilho, nas gaveas, em toda a parte, marinheiros armados da cabeça aos pés! Eram quatro vezes mais numerosos do que nós. Sim, meus senhores, tinha-me ido metter na bocca do lobo; pois o que havia tomado por navio mercante, era um vaso de guerra hespanhol! Acaso podia eu suspeitar que um navio de guerra fugisse diante d'um pirata?

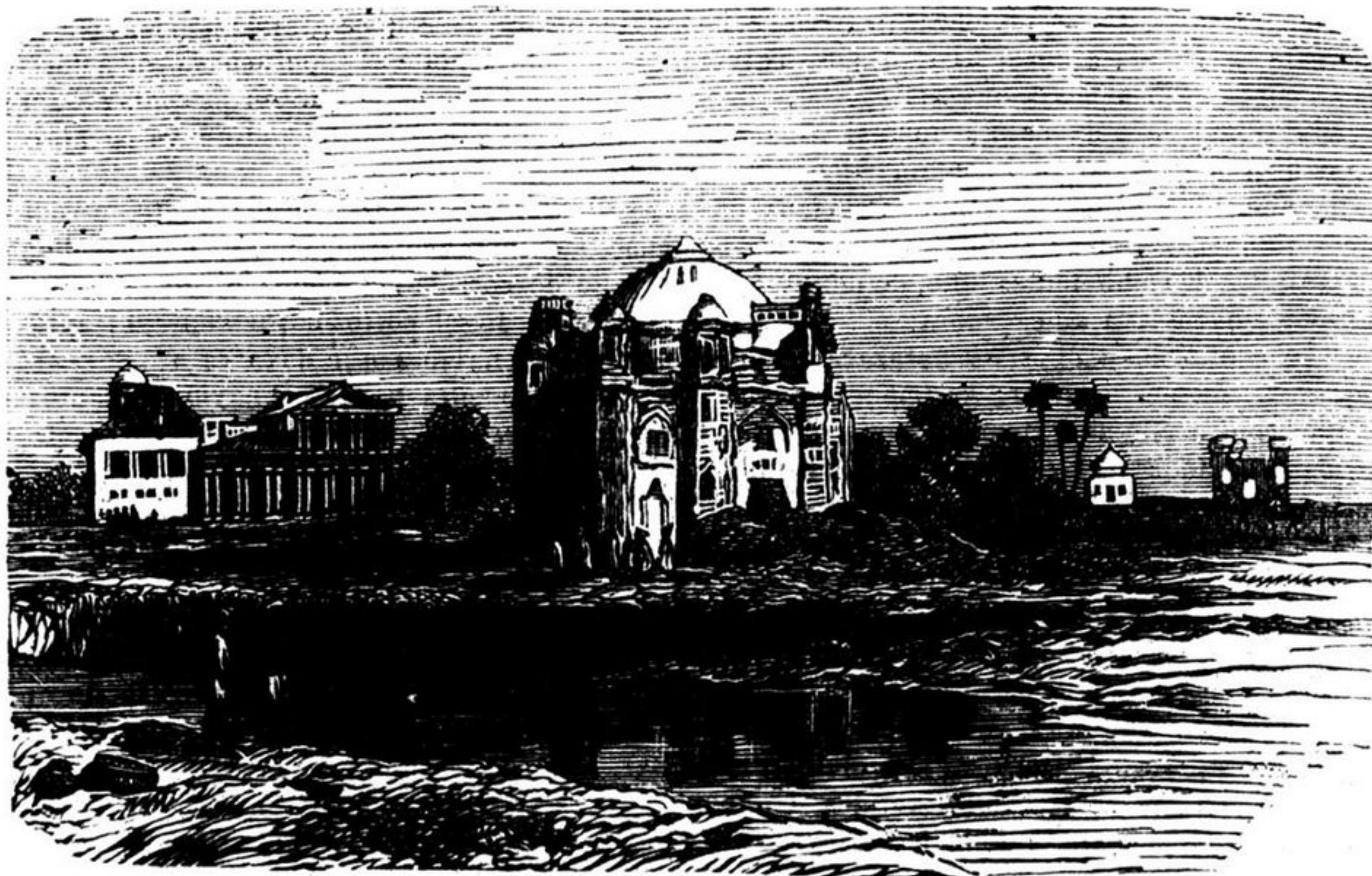
— «Arreia, ou metto-te no fundo! continuou a tal voz.

«E antes de termos tempo de resistir, a nossa coberta estava invadida. Fomos cercados, e amarrados. Só no fundo do porão é que voltámos a nós d'aquelle espanto.»

Apesar das historias do pirata (assim conclue o diario do oficial de marinha, a que nos referimos), apesar das instancias do nosso hospede, que procurava por todos os meios possiveis retener-nos ainda, como a tarde avançava, recolhemo-nos a bordo, e no dia seguinte demos à vela do porto de S. Paulo de Loanda.

### O GUANO DO PERU.

O guano é considerado hoje como o elemento fertilisador por excellencia, e adubo tal, que nenhum outro se lhe pode comparar. Por este motivo centenas de navios o transportam para a Europa, de todos os pontos do globo onde se podem encontrar depositos, e estas carregações



LAHORE — EGREJA INGLEZA D'AMAKALI.

não baixam de trezentas a quatrocentas mil tonnelladas por anno.

Esta substancia foi introduzida na Europa desde o anno de 1840, e comtudo já de ha muito tempo ella era conhecida na America do Sul, pois que Mr. Boussingault, na sessão da academia francesa das sciencias em 19 de Novembro de 1835, disse que no Perú, antes da conquista hespanhola, os incas fertilisavam a terra com guano.

O inca Garcilasso de la Vega, nascido em Cuxco de pae hespanhol e mãe peruviana, conta, na sua *Historia dos Incas*, escripta no Perú em 1523, que entre Arequipa e Tarapaca, sobre mais de duzentas leguas de costa, não se empregava outro estrume senão o excremento de certos passaros, chamados aves maritimas, que andavam por aquellas paragens em rebanhos tão numerosos, que se não podiam ver sem passar. Tinhão por asylo os rochedos, e ilhas desertas da costa; e à força de n'elles deporem o excremento esses rochedos ficavam tão brancos, que de longe similhavam montanhas cobertas de neve.

Os reis incas tinham especial cuidado na conservação d'estas aves, pois era prohibido, sob pena de morte, caçal-as nas ilhas, ou fora d'ellas; mesmo não havia permissão de entrar n'estas ilhas no tempo da postura dos ovos, assim de não assustar aquelles passaros, obrigando-os assim a abandonarem os ninhos.

O inca havia posto estas ilhas em reserva para dispor d'ellas em favor da provincia que julgasse mais a proposito. Se a ilha era grande dava-a a duas ou tres provincias ao mesmo tempo, e ahi

fazia assentar balizas para que os habitantes d'uma província não entrassem pela parte cedida ás outras. Quando se procedia á distribuição d'este estrume, observava-se religiosamente o limite traçado, e fazia-se não sómente partilha igual entre as províncias, mas tambem entre os seus habitantes. Aquelle que prejudicasse o seu vizinho, roubando-lhe o respectivo quinhão de estrume, incorria em pena de morte; e o que saía dos limites que se lhe marcavam proporcionalmente ao tamanho da sua terra, era severamente castigado como ladrão.

Tantos cuidados na conservação do guano, e tantas severas leis feitas para assegurar uma justa repartição entre os habitantes, demonstram a estima em que os antigos monarcas do Perú tinham esta preciosa substância.

A chegada dos hespanhoes ao Perú fez esquecer o guano, e a cultura das terras, pois se passaram dois séculos sem d'elle se fazer menção. O padre Feuillé, nas suas *Observações sobre a viagem de Frezier*, falla de pequenas embarcações chamadas *guaneros*, empregadas em transportar o guano das ilhas da costa para a terra firme; e menciona igualmente o cheiro amoniacal que estes navios e as suas carregações exhalavam.

Mr. de Humboldt que, durante a sua viagem, enviou amostras aos celebres chymicos Fourcroy e Vanquelin para as submetterem á analyse, acompanhou esta remessa d'uma nota em que certificava que nas costas do Perú sente-se o cheiro do guano a uma legua de distancia. — « Os marinheiros, acostumados a este cheiro amoniacal

cal, não padecem com elle (diz o illustre viajante); nos porém espirravamos incessantemente ao aproximar-nos da costa». Acrescenta que a fertilidade das costas do Perú se funda no guano, que é grande objecto de commercio. — « O guano (diz elle) está espalhado abundantemente pelo mar do Sul, ilhas Chincha, e Pinco; e existe também nas costas e ilhotas meridionaes, em Ilo, Iza, Arica, e geralmente em todas as pequenas ilhas de rochedos da costa, situadas entre o 13º e 31º de latitude sul. »

O guano mais puro e mais energico provém das ilhas situadas em frente do litoral do Perú e da Bolivia. Estas ilhas, de forma conica, estão, por assim dizer, inteiramente compostas de guano. Os engenheiros que calcularam o gisamento reconheceram que, continuando a ser explorado pela fertilisação do litoral, o guano podia chegar por seculos a satisfazer as necessidades da agricultura europea. As camadas d'este estrume não tem menos de dezesete a vinte metros de espessura.

Comparando estas enormes camadas com a camada de excrementos que os passaros que ahí se abrigam podem ter depositado ha tres seculos, e que se calcularam não poderem ser maiores de nove a onze milimetros de espessura, alguém tem duvidado que o guano fosse produzido pela accumulação dos excrementos dos passaros actuaes; e supoz-se, que à similarhança do carvão de pedra, e madeiras fosseis, seja elle effeito de antigas revoluções do globo: n'esta hypothese figurou-se uma especie de excremento fossil de passaros antediluvianos. Esta gratuita suposição em nada é justificada.

O primeiro guano exportado da America foi enviado para Inglaterra, em 1841, pela sociedade chamada *Peruviana*, que tinha a sua sede em Lima, e que o vendia muito caro. Os maritimos ingleses, que não podiam extrahir o guano senão depois de pagarem uma taxa exorbitante, andaram em busca d'este adubo pelos pontos do globo onde esperavam encontrar-o; e o acaso lhes descobriu importantes depositos na costa sudoeste da Africa, dependencias da colonia do Cabo da Boa Esperança, nas ilhas Schaboe, e Angra-Pequena.

Este guano, continuamente lavado pelas aguas de chuva d'estas humidas regiões, é muito inferior em qualidade ao de Perú, e apesar d'isso os ingleses em tamnho numero dirigiram para ali os seus navios para o transportarem, que dentro em poucos annos quasi que de todo o esgotaram. Ultimamente deu-se noticia da existencia de ricos depositos nas costas de certas ilhas da Oceania.

Nenhum guano que derradeiramente se descubra terá a força do do Perú, pela razão de que nenhum clima da terra é constantemente tão salto de chuva como o d'este paiz. « Ora, diz o doutor Cuthbert Johnston, da sociedade real de Londres, é a sequidão do clima que permitti ao guano accumulate-se sobre os rochedos. Quando se chega á região onde, por causas locaes,

os orvalhos sejam abundantes, e as chuvas frequentes, deixa ahí de haver accumulação. Um dia só de chuva, quaes os costumamos ter em Inglaterra, dissolveria e arrastaria para o mar consideravel porção d'aquelles espessos depositos de guano. So um anno da temperatura da Inglaterra faria desapparecer completamente a maior parte d'estes depositos. »

Consistindo o poder fertilisador do guano quasi que inteiramente na abundancia das substancias amoniacaes que o compõem, e sendo em grande parte essas substancias amoniacaes soluveis na agua, resulta que o bom guano não se pode encontrar em região chuvosa.

### O VESUVIO.

Este monte está situado a sete milhas de Nápoles, e a mais de quatro do mar, onde começa a falda da moutanha, e se vae insensivelmente elevando até á primeira planicie, que é accessivel a cavallo. Esta planicie é quasi circular, e tem seis milhas de diametro, e meia milha de altura acima do nível do mar.

D'este ponto levanta-se outra montanha, a que no paiz se dá nome de Monte Vecchio. Sua elevação é de quatrocentos passos, tendo no cume duas milhas escassas de circunferencia, e de forma irregular. Este cume, antes do anno de 1631 tinha a forma de uma caldeira; era cercado de velhos carvalhos, e grandes castanheiros. Via-se no fundo uma caverna, á qual se podia descer mais de duzentos passos, se bem que com bastante dificuldade. Considerava-se esta abertura como a antiga bocca, que durante longos annos vomitara prodigiosa quantidade de matérias betuminosas, e devastara parte dos terrenos limítrophes.

As irrupções que successivamente tem tido lugar até ao presente seculo, e que são trinta e tres, podem dividir-se em antigas e modernas. Beroe, Polybio, Strabão, e Vitruvio, relatam algumas das primeiras, começando no anno 79 da era christã.

O Vesuvio na epoca de Trajano tornou-se famoso pela morte do naturalista Plinio, e submersão de Herculano, Pompeia, e varias vilas. Depois d'esse tempo, foram as irrupções menos frequentes até o anno de 1139, em que começou a reposar, permanecendo tranquillo quatro seculos. Este longo reposo apagou a lembrança dos antigos desastres. Os habitantes da vizinhança lisonjearam-se de que a materia inflamada se esgotara, e fizeram plantações nos declives da montanha, as quaes pela fertilidade e produçao vieram a ser as delicias do paiz. Os acontecimentos posteriores mostraram, porém, quão illusorias eram estas esperanças; porque em 1538 foi tão violenta a irrupção que mudou o estado physico do vulcão, e formou o que se chama hoje Monte Novo. Em 1631, por espaço de seis mezes ouviram-se rugidos continuos, expe-

rimentaram-se tremores de terra, e em Dezembro rebentou uma terrivel explosão de fogo, que começou por fazer saltar parte da montanha; depois vomitou agua, cinzas, pedras, e fogo, com que inundou quasi todo o paiz até ao mar, em mais de sete milhas de largura, causando a morte de quatro mil pessoas.

Seguiu-se reposo por vinte nove annos. Em 1660 renovou a explosão. As chamas ocuparam toda a capacidade da immensa cratera que ficara desde 1631, e na qual, depois de numerosas, ainda que menores explosões, se elevou outra nova montanha.

Em 1707 todos os habitantes das cercanias, e a cidade de Napoles, sobresaltaram-se por causa das explosões, frequentes abalos subterraneos, e fogo no cume do vulcão. Grande quantidade de cinzas, arrojadas com impetuosidade, encheram a atmosphera, e obscureceram o sol pelo decurso de um dia, mas seguiram-se felizmente os outros dias mais tranquillos, e os habitantes socegaram vendo desapparecer os fogos.

Em 1724 foi tamanha a quantidade de cinzas e pedras arrojadas, que com elles se encheu o espaço entre o antigo e novo monte.

Em 1730 nova irrupção, se bem que muito menos consideravel que a precedente.

Seguiu-se a de 1737; e d'esta, porque os historiadores nos deixaram longa e minuciosa noticia, vamos tratar mais especialmente, não só pelo seu pavoroso, como para se adduzir o horror d'aquelle que submergiu as formosas e ricas cidades da Italia.

Era no mez de Maio. A montanha esteve sempre em fermentação. Ora lançava fumo; ora arrojava lavas ardentes que recaiam na montanha. Desde 16 até 19, ouviram-se rugidos subterraneos. N'este ultimo dia viu-se o fogo sair em densas nuvens; e resoaram estrondosas detonações, que se fizeram mais frequentes ao declinar do dia, e aumentaram durante a noite. A montanha arrojava então um fumo espesso, misturado com cinzas e pedras. Sentiram-se nas circumvíncias ligeiros tremores de terra.

No domingo, 20, pelas nove horas da manhã, a explosão foi tão forte, que o choque se fez sensivel a mais de doze milhas em circuito. Um fumo negro, confundido com cinzas, elevou-se repentinamente, em enormes globos fluctuantes, que se dilatavam afastando-se da cratera. As explosões continuaram frequentes e violentas todo o dia, arrojando pedras, cinzas, e fumo a uma milha de altura.

Às oito horas da noite, no meio de estrondosos rugidos e fortes abalos subterraneos, a montanha sendeu-se, a uma milha de distancia do cume, e pela nova abertura saiu uma vasta torrente de fogo. Então a parte meridional do Vesuvio pareceu abrasada. A torrente alastrou-se pela planicie, que tem perto de uma milha de comprimento, e quatro de largura. Alargou-se logo o espaço de uma milha, e às quatro horas da noite chegou á extremidade da planicie e à

falsa das pequenas collinas que estão do lado do sul. Sendo as ditas collinas compostas de rochedos escarpados, a maior parte da lava se escoou pelos intervallos, atravessou dois valles, e caiu successivamente na planicie que forma a base da montanha. Reunida n'este ponto, dividiu-se depois em quatro ramaes, dos quaes um se deteve no meio do caminho a milha e meia da *Torre-del-Greco*; o segundo correu para um grande valle; o terceiro pouco avançou da mesma *Torre-del-Greco* na vizinhança do mar; e o quarto a pequena distancia da nova cratera.

A lava que inundou o valle chegou entre a egreja dos Carmelitas, e a das Almas do Purgatorio, ás quatro horas da manhã. A materia corria como chumbo derretido, e progrediu quatro milhas em oito horas; velocidade notavel, e extraordinaria, pois já se julgara admiravel que na irrupção de 1618 ella tivesse adiantado sessenta passos n'uma hora.

A porção que correu por traz do convento dos Carmelitas, depois de incendiar a porta da egreja, entrou n'ella, penetrando tambem na sachristia pelas janellas: queimou as do refectorio, e os vasos de vidro que estavam sobre a mesa foram reduzidos a massa pela violencia do fogo. Dezeseis dias depois a materia ainda estava quente, e durissima, sendo necesario empregar a força de martello para a espedaçar.

Uma porção de vidro fixada no extremo de uma vara, e aproximada a esta materia, reduzia-se a massa ao cabo de quatro minutos. Ouviam-se debaixo da lava da torrente frequentes detonações, e viam-se pequenas fendas, pelas quaes saía fumo, e agua do mar, exhalando cheiro de enxofre. As pedras que estavam ao redor cobriam-se de sublimato salino. O ferro introduzido n'estas fendas saia humido, mas o papel parecia endurecer.

Ao mesmo tempo que se abria a nova cratera, a do cume vomitava grande quantidade de materias ardentes, que dividindo-se em torrentes se dirigiam, parte para Salvadore, e parte para Ottajano. O alto da montanha, entre denso fumo, clarões, e frequentes explosões arrojava pedras ardentes.

O vulcão continuou a expellir até ao dia 22 materias inflamadas. N'esse dia cessou a irrupção; mas soprou um vento do sudoeste tão impetuoso e rijo que transportou as cinzas, em grande quantidade, até aos extremos do reino de Napoles. N'algumas partes eram finissimas; n'outras, tão grossas como saibro. Nas vizinhanças do Vesuvio caiu não só chuva de cinzas, como de pedras pômes, e outras substancias.

Grandes foram os danos causados por esta catastrophe. Em Ottajano, a quatro para cinco milhas do Vesuvio, a camada de cinzas era de quatro palmos. As arvores foram queimadas, e muitas casas derrubadas pelo peso d'aquellas, e das pedras; o que incutiu como era natural grande terror nos habitantes.

Desde então até hoje as irrupções não tem sido tão violentas. Actualmente a população de Nápoles anda preoccupada, porque com tais exemplos é de receiar catastrophe, e o vulcão este anno tem apresentado symptomas assustadores.

### INDIA PORTUGUEZA.

DEMONSTRAÇÃO DE VARIOS SUCCESSOS DAS ARMAS LUSITANAS, MODERNAMENTE HAVIDOS NA INDIA ORIENTAL.

Continuação.

Grandes são os empenhos, e muito mais fervorosos os desejos que tem Aydar Alykan de conquistar a capital da India, e dominar toda a costa do sul té o cabo Comorim; por enjo motivo se tinha já feito senhor de Samorim para melhor proseguir a conquista do norte té Surraté; mas o receio de ter contra si a cavallaria marata unida aos portuguezes, e talvez favorecida dos inglezes tem diminuido muita parte dos seus ambiciosos projectos, e não menos a moderna experiença (como adiante direi) do quanto lhe custou a ruptura de guerra com os inglezes, sem que d'esta custosa planta colhesse o fructo de sua anciosa esperança.

Duas vezes o soccorreram os portuguezes com tropas, uma contra os maratas, e outra contra Samorim, nosso antigo alliado. Da primeira não chegou a receber no campo o socorro, por se ter já concluido a paz com a potencia marata; e da segunda, que o capitão general D. João José de Mello envion commandada pelo tenente coronel Manuel Antonio Deça, foi mal sucedido, por observar Aydar Alykan alguma frouxidão no militar exercicio sem a vivacidade, que elle desejava para instrucção dos seus cipaes, soldados e segurança de sua pessoa.

Que importa serem as dependencias do estado bem dirigidas, se não houver quem as execute com prudencia, e conhecimento dos paizes? Estas tão precisas, como attendiveis circunstancias se descobriram unidas em Bussy. Não consta, que este prudente cabo no decurso de nove annos, que commandou em Dekan, um mez de jornada distante de Pondichery, ou os inglezes aliados aos nababos de Bengala, e Arcata, nem as tropas portuguezas concedidas em socorro aos angrias e maratas (como já se disse) e outros antigos mais experimentassem alguma desordem té o determinado tempo de suas retiradas. Logo se isto assim é, que razão pode haver para não suppormos, que o socorro desejado por Pardan Madeo Rao, ou Aydar Alykan, logrará a mesma felicidade, quando o permitir o estado dos negocios? Um cabo prudente além de executar as obrigações, que lhe competem em razão do seu cargo, deve prever o futuro com memorias do passado. E' tão natural a oposição que tem os

idolatras aos mahometanos, que ainda conservam na lembrança o grande destroço, que recebeu a sua idolatria, depois de perder Ram Raza a vida, e batalha, com desrespeito dos deuses, profanados os seus templos das cidades de Laor, e Agra, preso o rei de Satara na reclusão de uma gaiola de ferro, onde carregado de opprobrios, lamentando o triste canto de suas infelicidades, acabou os commensurados dias de sua vida.

Modernamente recordam os mesmos idolatras as felizes bonanças de Aydar Alykan, que sendo de baixo e vil nascimento, simples cipay, chegou a conquistar tres reinos, Canaras Mainsur, Bedenur, e o de Sunda. Com veneno privou da vida o rei do primeiro e outros varios principes de seu sangue, deixando em duvida executar a mesma acção no único, que resta. Ao rei do segundo perseguiu com a mesma egualdade, escapando só da iniqua maldade de sua fereza o rei do terceiro por procurar o refugio nos dominios do estado.

Os bramenes, bottos e ligdons, por conhecerem perfeitamente, que todo o empenho de Aydar Alykan é coroar aos seus tres filhos por reis dos tres usurpados reinos a seus legitimos possuidores, como se disse, não duvidaram preferir os proprios interesses á obrigatoria observancia das suas leis, dispondendo-se a consentir por elles, sendo idolatras a subjeição dos moiros, e com grave prejuizo dos seus templos, para o que tem despendido forçosas diligencias afim de entregarem o Sunda ás mãos de Aydar Alykan; nada porém tem conseguido pelas muitas e boas precauções a este respeito despendidas; mas não obstante esta cautela, sempre me fica o receio de que virá Aydar Alykan a conseguir o seu intento por ser na realidade pusilanime, frouxo, e sem malicia, confiado todo nas cavações e interessadas astacias dos seus bramenes.

Estas razões, e as publicas tyrannias, que continuamente obra Aydar Alykan com os bramenes, bottos e idolatras nos dão a conhecer, que ja mais se unirão estes accerrimos oppostos marata e o mesmo Aydar Alykan. Será possível, que tendo o primeiro oportunos meios para destruir o segundo, e fazer-se senhor de tantos thesouros, reinos, e provincias, soffra crescer em forças o seu contrario para com ellas o expulsar do Indostão, qual outro Ram Raza se viu destruído pelos moiros, seus proprios generaes, lançado do reino e metido na posse d'elle o imperador Mogor? Será crivel que fechando os olhos a tantos vaticinios de maus successos e de uma total extincção da casa de Bagy Rao, e reino marata, se queira expor ao principio d'un tyranno, falto de palavra, vil de nascimento, sem direito, nos dominios que possue, despresando a aliança de um nação bellicosa e fiel qual a portugueza? Parece coisa indigna de credito, mas dado que assim succeda, que malifica Gou metida já de posse da província do norte, e terras de Chaul?

D'esta mesma negociação se dará Aydar Alykan por satisfeito, se com elle a contratar o es<sup>ta</sup>tado, e ainda que não pode dar a província do norte, por não ser do seu domínio, pode contudo dar equivalente satisfação dos muitos portos, que tem em Camará de não menor lucro, e conveniencia. E' de crer, que se Aydar Alykan tiver aos portuguezes por amigos, ficarão sem duvida destruidos os maratás.

Continua.

### Não me ames.

Amei-te, ó minha Julia, ousei eu tanto,  
Tão pobre, sem riqueza, sem fortuna ;  
Ousei, qual Bernardim, erguer meus olhos  
P'ra ti, rica e formosa ? Pude acaso  
Amar e ser amado por aquella,  
Que minha ser não pode, mas que eu amo,  
Que adoro com delírio, com loucura ? . . .  
Amei-te ! eu, infeliz, pobre, ignorado,  
Cercado pela dôr, pela desgraça ? ! . . .  
O' Julia, e pude tanto para em breve,  
Qual outro Bernardim, ir de ti longe  
Finar-me de saudades ? . . . Que não possa  
Ao menos possuir seu estro ousado,  
Que inspirações eguaes sentir não saiba  
A'quellas que immortal nome lhe deram !  
Se eu tal possuisse, eu te cantara,  
Qual Beatriz cantada foi outr'ora !  
Mas eu, pobre de mim, não posso tanto ;  
Meu estro sem valor é pobre e rude ;  
Mesquinhos e singelos são meus cantos ! . . .

E' grande o meu amor, ó minha Julia ;  
Mas se eu te sei amar, crear não posso  
Os cantos inspirados d'esse genio,  
Que só rival achar pode em Camões ! . . .

### II

Linda Julia, não me ames,  
Não augmentes minha dôr !  
Teu peito não mais inflames  
Com pensamentos d'amor !  
Tu nasceste entre a grandeza,  
Entre o fausto, entre a riqueza,  
Não me podes pertencer !  
Esquece que pude amar-te,  
Que um nome não posso dar-te,  
Nem eu nobre quero ser ! . . .

Não, não quero, que a nobreza  
Envilece o coração !  
É socia da avareza,  
Da cubica e da traição !  
Os grandes são orgulhosos,  
Soberbos, ambiciosos,

Respeitados querem ser !  
E não conhecem que os pobres  
Tem sentimentos mais nobres,  
Do que elles julgam ter ! . . .

Quando, ó Julia, a vez primeira  
Teus encantos admirei ;  
Dei-te a minha vida inteira,  
Pois minha igual te julguei !  
Soletrei ternos amores,  
Nos teus olhos seductores,  
No teu meigo coração !  
Amei-te ! mas fui um louco,  
Porque a sorte dentro em pouco  
Me desfez essa illusão ! . . .

Eras nobre, eu não podia  
Dar-te um nome igual ao teu !  
E o mundo censuraria  
Ver-te unida a um plebeu !  
Eu não tinha pergaminhos,  
Nem rica veste d'arminhos,  
Que te podesse offertar !  
Não tinha mais que em meu peito,  
Um coração que era feito  
Para só te adorar ! . . .

Por isso, Julia formosa,  
Esquece quanto te amei !  
Se queres set venturosa  
Olvida que te adorei !  
D'esses felizes momentos,  
Esquece os meus juramentos,  
Prestados com tanto ardor ;  
Que eu sinta só na minh'alma,  
N'uma dôr que não se acalma  
A lembrança d'este amor ! . . .

Não me ames ! que o tormento  
Soffra eu só por te adorar !  
Não queiras meu sofrimento  
Equalmente partilhar !  
Não me ames ! sé ditosa,  
Sé feliz e venturosa,  
Esquecendo-te de mim !  
Sinta eu só este martyrio,  
Esta dôr, este delírio,  
Que já não pode ter fim !

Não me ames ! que a desgraça  
Me torne só infeliz !  
Do fel esgote eu a taça  
Mas que tu sejas feliz !  
N'esta vida de tortura,  
Soffrerei minha amargura  
Não gosando o teu amor !  
Cumprirei o meu destino,  
Já que o mundo tão ferino  
Me legou sómente a dôr ! . . .